

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

**ANÁLISE DA PRÁTICA DO TURISMO DE AVENTURA COM SEGURANÇA NA
CHAPADA DOS VEADEIROS/GO:
ESTUDO DE CASO DA EMPRESA TRAVESSIA ECOTURISMO**

FERNANDO JOSÉ SANTOS

RA: 2012842/8

Prof. Orientador: LUIZ DANIEL MUNIZ JUNQUEIRA

Brasília, DF

2007

FERNANDO JOSÉ SANTOS

**ANÁLISE DA PRÁTICA DO TURISMO DE AVENTURA COM SEGURANÇA NA
CHAPADA DOS VEADEIROS/GO:
ESTUDO DE CASO DA EMPRESA TRAVESSIA ECOTURISMO**

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de turismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. Orientador: Luiz Daniel Muniz Junqueira

Brasília, DF

2007

FERNANDO JOSÉ SANTOS

**ANÁLISE DA PRÁTICA DO TURISMO DE AVENTURA COM SEGURANÇA NA
CHAPADA DOS VEADEIROS/GO:
ESTUDO DE CASO DA EMPRESA TRAVESSIA ECOTURISMO**

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de turismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. Orientador: Luiz Daniel Muniz Junqueira

Banca Examinadora:

Prof. Luiz Daniel Muniz Junqueira
(Orientador)

Prof. Anna Maria Felipin Rigobello
(Examinadora)

Prof. Roberta Louise Tomelin
(Examinadora)

Dedico este trabalho a minha família, que sempre me apoiou nas horas de dificuldade, dando-me forças e orientação para seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus familiares pelo grande apoio nos momentos difíceis.

Ao orientador Daniel Junqueira, pela ajuda inestimável e paciência nas orientações.

Aos meus pais.

Ao entrevistado da empresa Travessia Ecoturismo Hari que sem sua ajuda este trabalho não seria realizado.

A viagem ecológica vai ser “A próxima mania”; o jeito de viajar agora é de mochila, através de uma trilha, sentindo a natureza de perto, na pele (com todos os luxos domésticos incluídos).

Stephen Wearing & John Neil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Objetivo Geral	11
1.2 Objetivos Específicos	11
1.3 Metodologia	11
2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 – Empresas especializadas em Turismo de Aventura	13
2.2 – Turismo de Aventura	15
3 – SEGURANÇA E A CERTIFICAÇÃO NO TURISMO DE AVENTURA	21
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

RESUMO

O turismo de aventura é uma modalidade que une diversas atividades esportivas como *mountain biking*, *arvorismo*, *trekking*, entre outros. A prática destes esportes devem buscar a segurança sendo uma das maiores preocupações das empresas prestadoras dos serviços e de órgãos como o Ministério do Turismo e a Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura. Nestes esportes têm acontecido muitos casos de acidentes envolvendo os praticantes e para que a atividade possa ser segura é necessário que as empresas que trabalham com esse serviço se regularizem, transmitindo assim uma imagem séria da empresa e da atividade praticada. Este trabalho teve como objetivo analisar a empresa Travessia Ecoturismo para avaliar a segurança na prática do turismo de aventura. A metodologia apoiou-se na pesquisa bibliográfica e no estudo de caso. Os resultados alcançados revelaram que a empresa apresenta um quadro favorável em relação à segurança nas suas atividades esportivas.

Palavras-chave:

1. Travessia Ecoturismo
2. Segurança
3. Turismo de Aventura

1- INTRODUÇÃO

O desenvolvimento urbano vem crescendo muito nos últimos anos e o turismo, um ramo dentro do setor da economia, é uma das atividades que mais vem crescendo no mundo. Dessa forma, o turismo de aventura aparece para inovar a atividade turística, mas não se pode negar que com a tecnologia avançada, a busca por ambientes naturais e locais de lazer influenciam o segmento.

Hoje em dia a busca pela sustentabilidade é algo que cresce cada vez mais, porque os ambientes naturais são muito explorados pelo homem e com o crescimento desordenado das grandes cidades os ecossistemas a cada dia vão desaparecendo, e, conseqüentemente, o mundo sem esses ambientes naturais vai se acabando também, ou seja, a grande preocupação do planeta hoje é por esses biomas naturais que devem ser preservados para o próprio bem-estar do homem e dos animais que fazem parte desse sistema.

Para Uvinha (2005, p. 274), “o apego ao verde é algo expressivo na sociedade atual, e esse elemento também vem sendo amplamente comercializado com a promessa muitas vezes funcionalista de fuga dos problemas encontrados no meio urbano”. Sendo assim, a natureza faz parte da vida do homem, se ele não se preocupar em preservá-la poderá sofrer graves problemas no futuro, pois é a natureza que regula o clima do planeta, ou seja, a vida do mundo gira em torno disso. Então, pode-se dizer que a preservação ambiental deve ser um problema mundial.

O ecoturismo se apresenta como uma das grandes tendências econômicas do início deste século, fato que vem sendo forjado desde a década de 1990, por conta do crescimento do campo do turismo como um todo. Desse modo, destaca-se que o grande crescimento do ecoturismo vem influenciando decisivamente o turismo de aventura, em uma expressiva relação oferta/demanda da prática da aventura, sobretudo no ambiente natural (UVINHA, 2005).

A Chapada dos Veadeiros (GO) é um lugar em que a natureza foi extremamente generosa, pois o lugar é conhecido por suas exuberantes cachoeiras, rios, *caniôns*, entre outras belezas cênicas e é um lugar em que a prática do turismo de aventura pode ser desenvolvida e praticada.

De acordo com Uvinha (2005, p.269) “observa-se uma crítica ferrenha à implantação e ao desenvolvimento desse segmento turístico no que diz respeito, entre outros, ao provável impacto social e físico dessa prática”. Se não houver preocupação por parte dos participantes do turismo de aventura na preservação do local e tentar inserir de alguma forma a comunidade local esta prática pode se tornar inviável.

Apesar do turismo de aventura estar em constante crescimento é necessário lembrar que qualquer tipo de atividade de turismo necessita de profissionais capacitados e registrados pelo Ministério do Turismo. De acordo com o que foi apresentado surge o seguinte problema de pesquisa:

A empresa Travessia Ecoturismo, que oferece o serviço de turismo de aventura na Chapada dos Veadeiros, tem profissionais e equipamentos adequados para oferecer esse tipo de serviço?

O assunto a ser investigado foi escolhido porque a sensação da adrenalina é um dos fatores que levam as pessoas a realizar essa atividade, então a segurança no turismo de aventura é crucial visto que a maioria das atividades oferecem risco e todo cuidado é pouco. Aliás, o risco é parte da motivação do turista que busca aventura, porque quando ele consegue chegar ao final da atividade com saúde, sem estar ferido ou machucado será uma grande vitória pessoal.

Uvinha (2005, p. 277) diz que “se a relação risco-habilidade do praticante pode ser observada com tanta ênfase, a questão é como saber o próprio limite? Até que ponto avançar e não por em risco a própria vida e algumas vezes a do grupo na busca do máximo limite?” As pessoas que buscam esse tipo de atividade, já sabem o que querem atingir ou realizar algum tipo de satisfação pessoal. Mas cada um sabe até aonde pode chegar, ninguém ousaria botar sua vida em risco sem tomar os devidos cuidados. Dessa forma, cabe aos organizadores das atividades de aventura zelar pela segurança dos participantes.

1.1 – Objetivo Geral

- Analisar se os equipamentos de segurança da empresa Travessia Ecoturismo são adequados para a prática do turismo de aventura na Chapada dos Veadeiros/GO.

1.2 – Objetivos específicos

- Investigar se os instrutores da empresa são preparados para levar os grupos à prática do turismo de aventura com segurança;
- Verificar se a empresa tem certificação apropriada para estar oferecendo este tipo de serviço.

1.3 – Metodologia

Adotou-se a abordagem qualitativa que, para Dencker (2000) é a pesquisa que se propõe preencher lacunas do conhecimento e permite a participação do pesquisador no universo onde ocorrem os fenômenos. A abordagem utilizada permite ao explorador analisar o ambiente pesquisado, procurando o maior número de informações possíveis para atingir o melhor entendimento sobre o assunto da segurança do Turismo de Aventura.

A metodologia escolhida para esse estudo foi a descritiva, pois há necessidade de falar sobre como o turismo de aventura é realizado na Chapada dos Veadeiros (GO), ou seja, responder o problema de pesquisa e os objetivos propostos do trabalho. Esse tipo de pesquisa foi o mais apropriado para o estudo porque descreve como são as atividades, pois, de acordo com Gil, (2002, p. 55) “as pesquisas descritivas tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Para Gil (2002, p. 42):

As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc.

Outro tipo de metodologia escolhido para a pesquisa foi a bibliográfica, pois são a base da pesquisa no qual retira-se fontes secundárias dos livros publicados sobre o tema, ou seja, os livros já passaram por um estudo mais aprofundado. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 2002).

Gil (2002, p. 56) diz que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos”. As fontes bibliográficas são a base da pesquisa pois sem elas a pesquisa não teria embasamento teórico ou seja, não teria uma fonte de pesquisa concreta.

Têm-se, ainda, as publicações periódicas que são aquelas editadas em fascículos, em intervalos regulares ou irregulares, com a colaboração de vários autores que tratam de assuntos diversos, mas que tem um objetivo mais ou menos definido (GIL, 2002 p. 45). As publicações periódicas ajudam muito em trabalhos acadêmicos porque seria mais uma fonte de pesquisa, portanto a pesquisa não se limita apenas nos livros.

Para finalizar, Gil (2002, p. 44) afirma que:

Boa parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, as pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

O estudo de caso também faz parte da metodologia utilizada, pois na Chapada dos Veadeiros/GO só existe uma empresa a trabalhar com o turismo de aventura que é a empresa Travessia Ecoturismo o que delimita o trabalho, mas não impede de levantar esta questão tão importante que é a questão da segurança no turismo de aventura.

A coleta de dados dessa pesquisa foi por meio de instrumentos usados para realizar um questionário com cinco perguntas e os equipamentos para registro (lápiz, caneta etc.). O questionário aplicado foi elaborado de acordo com o que propõe Gil (2002), que afirma que as perguntas devem constar a impessoalidade, objetividade, clareza entre outras.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – Empresas especializadas em Turismo de Aventura

Qualquer que fosse a empresa que trabalhe com o turismo de aventura necessita de equipamentos adequados para oferecer este tipo de serviço, pois como foi dito a maioria das atividades oferecem risco e trabalhar sem tomar os devidos cuidados poderá acarretar em sérios danos aos turistas e prejuízos para a empresa. Uma certificação qualificando a atividade seria muito importante, pois pelo menos assim, a empresa já transmite mais confiança para a pessoa que está buscando o turismo de aventura.

Swarbrooke (2003, p.169) diz que:

Com uma série de incidentes amplamente divulgados nos últimos anos, a gestão do risco se tornou uma questão-chave para as organizações envolvidas em todas as áreas do turismo de aventura – inclusive os centros de esportes de aventura, operadoras especializadas e companhias organizadoras de *trekking*.

Ao mesmo tempo, essas organizações não podem eliminar o risco e precisam também reconhecer que este em si é parte da motivação para a maioria dos turistas de aventura. Para Uvinha (2005, p.276) É notório o fato de o risco assumir uma presença marcante nas atividades que envolvem o turismo de aventura, nas quais o “aventurar-se” passa a ser uma porção fundamental na configuração de sua prática. O risco é o que impulsiona a atividade, mas há vários motivos que levam o turista de aventura a arriscar-se. A aventura é quase sempre um meio para alcançar alguma coisa que não se alcança de outro jeito.

Uvinha (2005) apresenta os seguintes questionamentos à respeito da prática do turismo de aventura: Explorado como uma atividade comercial, até que ponto o risco depende da consciência ou das habilidades do próprio praticante? Quais as responsabilidades das empresas que propõem aos seus clientes a vivência do turismo de aventura no caso de uma ocorrência que, em algumas situações, pode levar à morte? Haveria possibilidade de inferir um possível elitismo econômico e conseqüente caráter de exclusão na prática do turismo de aventura pela necessária adoção de equipamentos e tecnologia justamente para minimizar tais riscos? Dessa forma, é preciso discutir sobre estas indagações ao oferecer o turismo de aventura.

Segundo Soifer (2005, p. 35) no *Arvorismo* o trabalho em altura com técnicas verticais, somando ao conceito de segurança de *backup* e redundância das ancoragens e conexões, garante aos praticantes toda a segurança necessária na exposição aos riscos do esporte de aventura. Portanto, os equipamentos devem atender às necessidades de cada esporte praticado.

É fato corrente que no Brasil as empresas que exploram esta atividade não recebem uma fiscalização adequada por parte dos órgãos responsáveis. Muitas delas, aliás, começam a oferecer seus serviços sem um planejamento de segurança adequado (GOIDANICH & MOLETTA, 2000, apud UVINHA, 2005, p.281). A segurança e o planejamento têm que ser a principal preocupação das organizações envolvidas com o turismo de aventura, porque qualquer que seja a atividade, necessita de um planejamento específico para que no futuro não ocorra problemas.

Essa questão da fiscalização de equipamentos de segurança é tão importante que não se pode deixar de discutir, pois são a base da aventura em si, e se não houver todo um cuidado em torno disso com certeza pode acarretar problemas para a empresa que estiver oferecendo o serviço e para os clientes praticantes dessa atividade.

Conforme Swarbrooke (2003, p. 171) “Embora haja farta literatura sobre o tema genérico da gestão do risco, são mais raras as pesquisas quanto ao uso dessa técnica de gerenciamento na indústria do turismo e mais especificamente no setor de viagens de aventura”. Assim, as pesquisas sobre a gestão do risco podem ajudar ainda mais pois muitos não sabem que um planejamento adequado ajudaria muito a evitar os acidentes que envolvem os praticantes dessas atividades.

Para Cloutier (2000, apud SWARBROOKE, 2003, p. 174):

O risco é um componente inerente de toda atividade de aventura e, conseqüentemente, o gerenciamento do risco “é uma questão de gerenciar ou otimizar o risco” e não de suprimi-lo por completo. Assim, para que a atividade continue sendo uma aventura, o processo de gerenciamento de risco precisa determinar níveis aceitáveis de exposição de clientes e operadoras igualmente, identificar os riscos, selecionar estratégias adequadas de gerenciamento de risco, implementá-las e reagir adequadamente aos incidentes.

Algumas operadoras declaram que seus líderes tinham por procedimento obrigatório entregar um relatório por escrito ao final de cada viagem como parte de seus contratos, ao passo que outros usavam o formato verbal de relatório (SWARBROOKE, 2003). O relatório pode ser mais uma precaução que as empresas podem usar para demonstrar como foi à expedição ou viagem de aventura.

Várias operadoras também empregam os opinários pós-viagem e, embora não fossem levantados comentários específicos sobre segurança, todas as operadoras concordavam que toda e qualquer preocupação nesse sentido seria trazida à tona (SWARBROOKE, 2003). Esses opinários ajudariam muito, pois as pessoas que participaram das atividades relatariam as falhas ocorridas durante a viagem.

2.2 – Turismo de Aventura

O turismo de aventura é um fenômeno cada vez mais crescente no novo milênio e atrai uma proporção cada vez maior da população que está em busca de auto-realização e prazer através da participação em atividades físicas e mentais estimulantes, viajando para destinos remotos ou participando de atividades de “pura adrenalina” como parte de suas experiências turísticas (SWARBROOKE, 2003).

O turismo de aventura é uma atividade muito nova, mas que desperta um sentimento de liberdade por parte dos participantes, pois elas estão em busca de se desligar do seu meio e estar em contato direto com a natureza, o que faz com que sintam também um sentimento de prazer, conforme pode-se observar na figura 1.

FIGURA 1: Prática do *mountain biking*.



Fonte: Travessia Ecoturismo (2005)

As empresas de turismo de aventura têm facilitado o crescimento de férias de aventura através da promoção e venda de um vasto conjunto de atividades de aventura organizadas para diferentes faixas de mercados como experiências originais e exclusivas, da observação de baleias ao *rafting* em corredeiras, do *bungee jump* a férias de autoconsciência (SWARBROOKE, 2003). Com o mundo globalizado e as novas tecnologias muito avançadas como a “internet” tem se tornado comum a prática do turismo de aventura.

Embora o turismo de aventura claramente se sobreponha a outros tipos de turismo, os aventureiros têm alguns atributos que os destacam de outros mercados de turistas. Eles geralmente estão dispostos a correr riscos e se alimentam dos desafios mentais e físicos (Figura 2), estão em busca do novo e de experiências estimulantes e, algumas vezes, participam de aventuras por uma questão de aperfeiçoamento pessoal ou de auto-estima (SWARBROOKE, 2003). O turista de aventura é diferente dos outros tipos de turistas porque geralmente busca a aventura não só pela adrenalina, mas pelo aperfeiçoamento pessoal e auto-estima, diferente do turista tradicional que procura o lazer e o descanso.

Figura 2: Prática do *Trekking* (esforço físico).



Fonte: Travessia Ecoturismo (2005).

Nas últimas décadas, a sociedade tem presenciado várias transformações no comportamento do consumidor. Uma guinada na direção de estilos de vida saudáveis vários assuntos ligados a preservação e um tipo de consumidor exigente são algumas transformações em andamento na sociedade contemporânea. Essas mudanças se refletem no comportamento de férias das pessoas (SWARBROOKE, 2003).

Geralmente as pessoas querem se desligar do cotidiano das grandes cidades e geralmente procuram a natureza para sentir esse sentimento de liberdade, A necessidade de dar uma escapada pode surgir por um desejo temporário de dar uma pausa da vida caseira a fim de sentir que está realmente de férias ou por desejo de escapar da vida diária e sua carga de estresse. As razões para o escapismo dependerão do tipo da experiência e da tipologia do turista (SWARBROOKE, 2003).

As operadoras de turismo de aventura têm influência sobre a percepção que os clientes têm do risco, os líderes podem promover os riscos para tornar a experiência mais interessante ou menosprezá-lo a fim de evitar agitação e conseqüente perda de controle pelos clientes. Contudo que a operadora compreenda as expectativas e os níveis percebidos de risco na atividade, os clientes podem se satisfazer com uma experiência ótima de aventura (SWARBROOKE, 2003). Dependendo do clima que os participantes estiverem os líderes dos grupos podem dar uma “apimentada” pode se dizer assim na aventura, mas lógico que com toda a consciência do que se está fazendo porque qualquer descuido pode ser fatal (Figura 3).

Figura 3: Canionismo.



Fonte: Travessia Ecoturismo (2005).

Uma grande preocupação que se tem hoje em dia é que as empresas que trabalham com o turismo de aventura tentem legalizar ainda mais o setor, pois existem vários casos de acidentes e mortes envolvendo os praticantes, então uma certificação para o setor seria ideal.

No setor de serviços a tendência da normalização e certificação é pioneira e inovadora, sendo a indústria turística uma das que vem aplicando essas ferramentas com maior ênfase. Uma iniciativa do Ministério do Turismo determinou como estratégia a normalização e certificação, cujo objetivo é desenvolver um segmento mais seguro e assim colocar o Brasil entre os principais destinos do mundo no setor (UVINHA, 2005).

Para Uvinha (2005, p. 44) “No Brasil a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT reconhecida formalmente pelo estado, é que desempenha o papel de organismo nacional de normalização, a normalização não é uma atividade do estado e sim da sociedade”.

Portanto, a questão da normalização e certificação para as empresas que trabalham com o turismo de aventura, é que estas possam oferecer serviços de qualidade para o usuário, como na prática do *cascading* (Figura 4), pois, assim o amadorismo de certas empresas podem acabar, e o setor ser considerado muito mais competitivo e sério.

Figura 4: Cascading.



Fonte: Travessia Ecoturismo (2005).

Segundo Uvinha (2005, p. 44):

As normas técnicas são documentos estabelecidos por consenso e aprovados por um organismo reconhecido que fornece, para uso comum e repetitivo, regras, diretrizes ou características para atividades ou seus resultados, visando à obtenção de um grau ótimo de ordenação em um dado contexto.

Uma grande evolução recente da normalização é que se desenvolveu as chamadas normas sistêmicas, que não só tratam de produtos ou serviços, mas de sistemas de gestão utilizados em sua produção ou fornecimento. Exemplos de normas de sistema de gestão da qualidade (como as ISO 9000), de gestão ambiental (como as ISSO 14000), dos sistemas de gestão da saúde e segurança ocupacional, ou de sistemas de gestão da segurança da informação (UVINHA, 2005).

Para que todas as empresas possam trabalhar tranquilas é necessário que elas busquem a certificação do Ministério do Turismo que as qualificam em relação a uma prática mais segura, ou seja seus serviços serão ajustados de acordo com que eles mesmos estão oferecendo mais tudo dentro da lei.

Um regulamento técnico é um documento que estabelece requisitos técnicos aplicáveis a um produto ou serviço, adotado por uma autoridade com poder legal

para tanto (UVINHA, 2005, p. 46). Trabalhar com os recursos oferecidos pela lei, é muito mais interessante do que trabalhar na irregularidade pois arriscar a vida de uma pessoa é uma questão muito séria que podem envolver a justiça se caso ocorrer algum acidente durante a prática da atividade.

Os regulamentos técnicos podem estabelecer os requisitos técnicos diretamente ou fazer referência às normas técnicas – ou mesmo incorporar seu conteúdo no todo ou em parte. O uso das normas técnicas na regulamentação técnica é uma alternativa inteligente, pois a autoridade regulatória se concentra no que é essencial para o interesse do estado, repousando nas normas técnicas o resultado do entendimento da sociedade, a fim de prover os aspectos técnicos necessários (UVINHA, 2005).

Não se pode prever um futuro certo para o turismo de aventura porque muitas mudanças acontecem ao longo dos anos, só se pode saber é que a cada dia que passa o mundo se transforma cada vez mais e com ele a tecnologia e vários avanços também. O mundo em si está mudando não se sabe se para melhor ou pior o que importa é que as questões que envolvem o turismo de aventura melhorem a cada dia mais.

À medida que o turismo de aventura se torna um nicho mais proeminente de produtos de viagem, um número crescente de organizações de turismo deve passar a aplicar o conceito de aventura como uma ferramenta de marketing. Evidentemente, algumas dessas organizações estarão oferecendo produtos de aventura autênticos, enquanto outras poderão estar simplesmente “seguindo a onda”, aproveitando-se do fato de que o fenômeno da aventura está em voga (SWARBROOKE, 2003). Isso é uma das coisas que precisam ser combatidas pois levar um assunto tão sério, por causa de um “modismo” é que pode acarretar a picaretagem de certas empresas e manchar a imagem de empresas sérias.

Uma maneira das organizações de ecoturismo convencerem os consumidores de que estão oferecendo férias de ecoturismo autênticas se dá através de sua participação em esquemas de certificação. Tais esquemas geralmente avaliam se determinada organização atende certos padrões do turismo, além de observar a contribuição dessa empresa para a gestão ambiental de um destino (SWARBROOKE, 2003).

Os riscos na prática dessas atividades apontam para uma real necessidade de formular uma certificação e normalização dos serviços atrelados,

envoltos numa ampla discussão sobre as maneiras de minimizar os impactos ambientais e socioculturais (UVINHA, 2005).

O Governo Federal brasileiro precisa acordar para estas questões sérias que envolvem o turismo de aventura, pois ainda há muitas pessoas que arriscam suas vidas sem os devidos equipamentos adequados para a prática da atividade, o que acaba manchando a imagem da atividade como um todo.

Segundo (SWARBROOKE, 2003, p. 283):

Tudo indica que o caminho a seguir está relativamente claro para o crescimento do turismo de aventura nos próximos anos. A demanda está crescendo, como se pode observar através do crescente número de pessoas participando de férias com temas de aventura, a fim de estimular ainda mais uma demanda latente.

Espera-se que com o desenvolvimento do turismo nos próximos anos o amadorismo de certas empresas acabe pois, a tendência é que todas as empresas do ramo do turismo de aventura tenham certificados aprovados pelo Ministério do Turismo e pela ABETA (Associação Brasileira das Empresas do Turismo de Aventura), o que vai qualificar ainda mais o setor.

O turismo de aventura se tornará parte integrante do turismo tradicional, em vez de permanecer como algo à margem da indústria do turismo. Isso ocorrerá por duas razões: primeiro, o caráter de “aventura” dos produtos de turismo sofrerá uma mudança. No futuro, o turismo “tradicional” não significará mais turismo de “massa”. A WTO (*World Tourism Organization*, 1997) Identifica a diversidade como sendo a principal tendência da indústria do turismo, e isso significa que a própria indústria passará a considerar o turismo de nicho como padrão (SWARBROOKE, 2003).

3 – SEGURANÇA E A CERTIFICAÇÃO NO TURISMO DE AVENTURA

O desenvolvimento desse trabalho foi elaborado em cima do problema e dos objetivos de pesquisa, muitas coisas foram abordadas principalmente com relação à segurança desses esportes, pois uma das principais preocupações do turismo de aventura é com esta questão. Há muitos casos de empresas que nem sequer tem o registro junto ao Ministério do Turismo que se envolveram com acidentes e mortes

dos participantes, coisa que deve ser levada em consideração, porque está envolvendo a vida das pessoas então esse é um caso sério e precisa ser levado ao conhecimento de todas as pessoas que praticam turismo mesmo que nunca pensem em praticar este segmento.

O tema foi escolhido porque sentiu-se a necessidade de falar sobre o turismo de aventura, porém na região do Distrito Federal não existem lugares apropriados para a prática dessa atividade. Dessa forma, escolheu-se a região da Chapada dos Veadeiros/GO por lá existir a empresa Travessia Ecoturismo que trabalha com o turismo de aventura e, posteriormente, foi descoberto que existe apenas uma empresa na região registrada pelo Ministério do Turismo que trabalha com o turismo de aventura, que é essa empresa. O questionário foi elaborado relacionado com o problema e os objetivos deste trabalho. A empresa Travessia Ecoturismo fica localizada na Avenida Ary R. Valadão Filho, 979 – Centro – Alto Paraíso – GO.

Foi realizado uma entrevista na empresa Travessia Ecoturismo no dia 06 de outubro de 2007 às 11:10 da manhã, o entrevistado foi o atendente Hari, responsável pelo funcionamento da empresa. Ele foi submetido a um questionário contendo 5 perguntas, que serão descritas abaixo.

1 – O que o turista precisa fazer para começar a praticar o turismo de aventura?

R: Ele não precisa ter uma técnica específica para começar na atividade, há uma palestra antes para prepará-lo, o cliente antes da atividade preenche um seguro contra acidentes que o garante pelo menos contra os riscos que possam acontecer e esse seguro já é incluso no pacote que ele assina no contrato de prestação de serviços.

Seria muito bom se a maioria dos praticantes tivessem uma preparação mais adequada, porque arriscar a vida sem nenhum preparo, apenas a palestra, é insuficiente. A pessoa se expõe a um risco muito grande.

2 – Os equipamentos que a empresa usa são adequados para a prática da atividade?

R: Sim, eles usam equipamentos adequados e aprovados pela associação internacional dos alpinistas e, eles trocam seus equipamentos de três em três anos por causa do desgaste natural destes, ou seja, sempre trabalham com equipamentos novos e aprovados.

Usar equipamentos novos e adequado é o mínimo que uma empresa que oferece esse serviço deve fazer, pois trabalhar com a vida das pessoas é um risco que deve ser minimizado.

3 – Os instrutores são qualificados para a prática das atividades?

R: Os instrutores são qualificados sim, todos eles tem cursos preparatórios para cada atividade realizada. Existem 8 monitores na empresa sendo 3 que são responsáveis por todo o grupo e os outros 5 são responsáveis pelo apoio técnico, esses cinco monitores do apoio técnico nunca poderão levar um grupo sozinhos para a prática do turismo de aventura sem um desses chefes que lideram o grupo, e sempre que acontece alguma atividade sempre vão com eles uma equipe médica para dar todo o apoio necessário para os praticantes do turismo de aventura.

Responsabilidade tem que ser prioridade no turismo de aventura. Ter instrutores preparados e qualificados é uma obrigação, assim como levar uma equipe médica para transmitir mais segurança aos praticantes.

4 – Existe uma preocupação da empresa com atividades irregulares que envolvam o turismo de aventura na Chapada dos Veadeiros?

R: Sim, as atividades são realizadas durante a semana, mas muitas vezes também aos finais de semana e junto com os profissionais aparecem grupos amadores que querem descer por uma cachoeira o *cascading*, que muitos conhecem por *rappel*. Com pouco conhecimento técnico se aventuram nessas cachoeiras muitas vezes usando equipamentos totalmente inadequados. Segundo o atendente Hari eles usam capacetes de mestre de obra, cordas muitas vezes desgastadas pelo tempo etc. o que acaba com a imagem do compromisso sério que a empresa tenta transmitir aos participantes do turismo de aventura. Um dos maiores interesses da empresa é conseguir um certificado do Ministério do Turismo e da ABETA (Associação Brasileira das Empresas do Turismo de Aventura) que padronizam os serviços da empresa o que pode transmitir mais segurança aos participantes do turismo de aventura.

Atividades irregulares podem manchar a imagem de empresas sérias, e isso tem que ser combatido por exemplo com o controle da entrada dos atrativos onde são realizados o turismo de aventura.

5 – Na Chapada dos Veadeiros a Travessia Ecoturismo é a única empresa a trabalhar com o turismo de aventura?

R: Sim, existia uma outra empresa que também trabalhava com a atividade mas não tinha registro junto ao Ministério do Turismo e acabou falindo.

Combater as empresas que trabalham na ilegalidade também deve ser prioridade dos órgãos de fiscalização, fazendo com que a atividade seja vista com outra perspectiva.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo de aventura é uma atividade muito nova que precisa de vários fatores que colaborem com seu crescimento como, por exemplo: a certificação e a normalização das empresas. O fato de estar arriscando a vida das pessoas é uma coisa muito séria que se não levar em consideração esses fatores que podem ser considerados primordiais, essas empresas podem ter as suas portas fechadas.

Isso não seria bom nem para os turistas nem para os empresários do ramo, pois o turismo de aventura veio para adicionar mais conhecimento para as pessoas como aprender um pouco sobre as técnicas de segurança utilizadas nos esportes de aventura, o respeito ao meio ambiente, como se conviver entre grupos etc.

Muitas coisas são aprendidas nas realizações das atividades, mas o principal é o respeito pela comunidade local, e o respeito à natureza, ou seja, os dois têm papel primordial na realização do turismo de aventura, porque se as pessoas não compreenderem que a comunidade deve ser inserida de alguma forma na realização do turismo de aventura, existirá um falso turismo.

O turismo deve ser contemplado como um todo, todos os setores da sociedade devem estar inseridos para um bom funcionamento da atividade, e se não existir um respeito por parte dos visitantes aos parques onde são realizados os esportes, essa prática não mais existirá, pois se as atividades são realizadas em meio a fauna e a flora local como não vão preservar esses locais tão privilegiados? Precisa-se então da consciência de todos os que estão inseridos: Governo Federal e Estadual, População local, Iniciativa privada e os praticantes do turismo de aventura.

De acordo com o que foi estudado a pergunta de pesquisa era que se a empresa que trabalha com o turismo de aventura na Chapada dos Veadeiros tem profissionais e equipamentos adequados para oferecer esse tipo de serviço? A resposta é sim, a empresa tem profissionais e equipamentos adequados os profissionais da empresa tem qualificação para levar os grupos de turistas à prática do turismo de aventura e, os monitores mais antigos passam por reciclagens para nunca esquecerem o que já sabem e os equipamentos da empresa são novos, aprovados pela Associação Internacional dos Alpinistas e são trocados de três em três anos.

Com relação se a empresa tem uma certificação para estar oferecendo este tipo de serviço, verificou-se que a empresa está atrás desta certificação o que é muito importante buscá-la, pois vai padronizar os serviços da empresa, ou seja, trará um serviço de mais qualidade.

A dificuldade encontrada no trabalho foi realizar a entrevista com o proprietário da empresa, pois foi necessário deslocar-se para a Chapada dos Veadeiros, o que não foi tão viável quanto imaginava.

Esta pesquisa tem limitações de entrevistas e análises mais aprofundadas, no entanto, servirá como um referencial para futuros trabalhos relacionados à temática turismo de aventura e segurança.

REFERÊNCIAS

SWARBROOKE, J. et. al. **Turismo de aventura: um guia para estudantes, profissionais e professores.** Rio de Janeiro: Campus, 2003.

UVINHA, R. R. **Turismo de aventura: reflexões e tendências.** São Paulo: Aleph, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

SOIFER, J. **Empreender turismo e ecoturismo.** Rio de Janeiro: QUALITYMARK, 2005.

SITE:

TRAVESSIA ECOTURISMO. Disponível em: www.travessiaecoturismo.com.br. Acesso em: setembro de 2007.